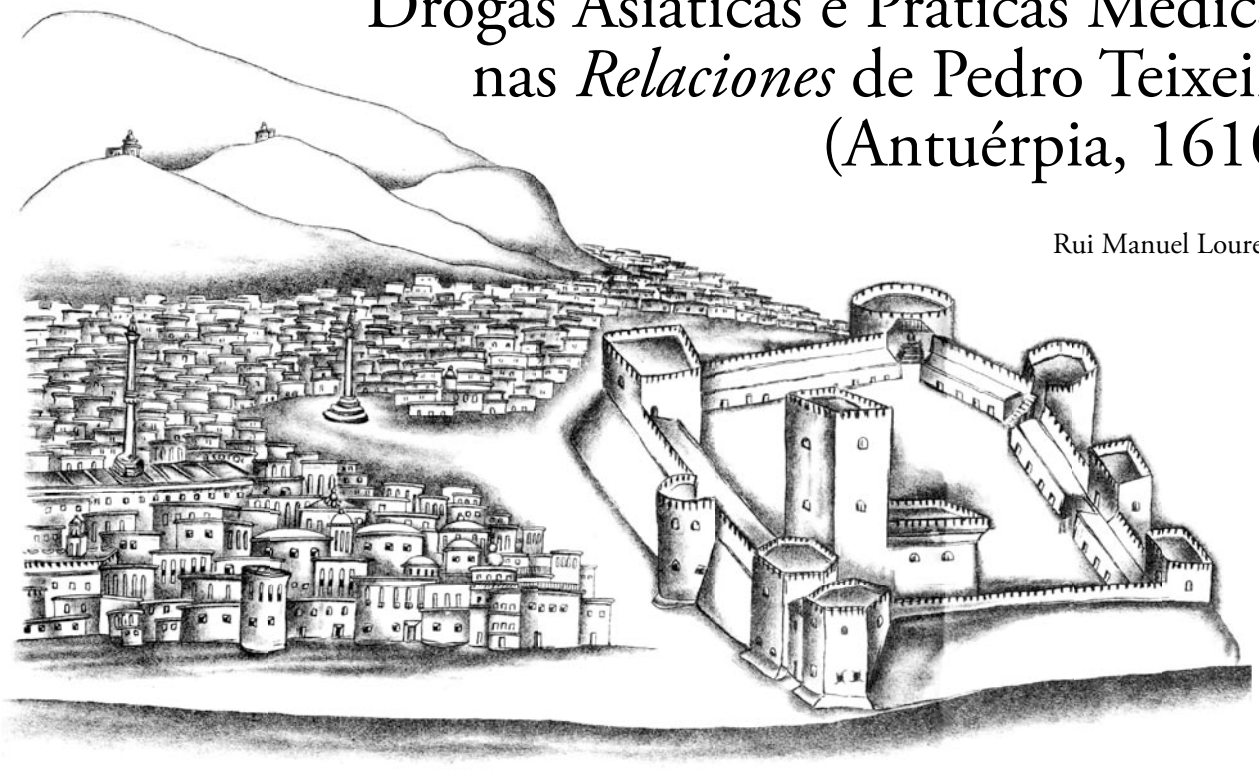
Drogas Asiáticas e Práticas Médicas nas *Relaciones* de Pedro Teixeira (Antuérpia, 1610)

Rui Manuel Loureiro*



A fortaleza portuguesa de Ormuz. Desenho incluído em *Lendas da Índia,* de Gaspar Correia (meados do século xvi).

INCERTEZAS BIOGRÁFICAS

São praticamente inexistentes as informações disponíveis sobre o viajante e escritor português Pedro Teixeira, que, como sucede com tantos outros dos seus contemporâneos, passa totalmente despercebido nas fontes da época.[1] Não o mencionam os cronistas portugueses quinhentistas, nem tão-pouco lhe fazem referência os inúmeros documentos oriundos do Estado da Índia. Apenas um cuidadoso escrutínio da obra que o tornou célebre permite desvendar, ou adivinhar, alguns traços biográficos. Assim, haverá que recorrer forçosamente às *Relaciones* de Pedro Teixeira, impressas em Antuérpia em 1610, para traçar um hesitante esboço da vida deste infatigável andarilho. As alusões contidas na obra, que referem o folclore de "*nuestros Portugueses de entre Duero y Miño*",[2] poderiam sugerir que o seu autor era natural do norte de Portugal; mas tais referências poderão ter resultado de uma simples visita àquela região portuguesa. A cronologia das suas extensas viagens levaria a crer que nasceu por volta de 1570, já que ao largar de Lisboa em 1586, num dos cinco navios que compunham a armada da "carreira" da Índia desse ano, não deveria ter menos de 15 anos. Tal dedução não está forçosamente correcta, pois o nosso homem poderia ser consideravelmente mais idoso. Contudo, e até falta de prova em contrário, assumamos que partiu para o Oriente ainda jovem, com menos de 20 anos de idade. Entretanto, as evidências documentais disponíveis não contradizem a hipótese de Teixeira ter embarcado como homem de armas, obrigado a uma comissão de serviço de pelo menos três anos.

* Doutorado em História pela Universidade de Lisboa.
Director de departamento na Câmara Municipal de Lagos, investigador do Centro de História de Além-Mar (Universidade Nova de Lisboa).

Ph.D. in History from Lisbon University. Department director at Lagos City Council (Portugal). Researcher at the Centro de História de Além-Mar (Universidade Nova de Lisboa).

As deambulações de Pedro Teixeira, a partir do momento em que embarca rumo ao mundo oriental, podem ser seguidas com algum detalhe ao longo das páginas das *Relaciones*, quando estas são complementadas com outras fontes coetâneas. Assim, é possível saber que os navios da armada de 1586, que largaram entre finais de Março e princípios de Abril sob o comando de D. Jerónimo Coutinho, atingiram o litoral indiano em Setembro, após uma viagem excepcionalmente rápida.[3] É quase certo que o recém-chegado foi de imediato mobilizado para a expedição punitiva que nesse mesmo ano tinha sido organizada em Goa para seguir para a Costa Suaíli, com o objectivo de ali repor a hegemonia portuguesa. Com efeito, na sequência do assalto desencadeado pelo corsário otomano Ali Beg contra a África Oriental, soberanos de diversas cidades portuárias tinham-se rebelado contra as autoridades portuguesas.[4] Dois indícios apontam para a participação de Pedro Teixeira nesta expedição, partida da Índia em Janeiro de 1587, e que de resto obteve total sucesso: por um lado, refere na sua obra que andou por aquela costa, visitando nomeadamente a "*tierra firme de Melinde y Monbaça*";[5] por outro lado, declara que em 1587 passou por Mascate numa armada que incluía galés remadas por forçados.[6] Ora, é sabido que a expedição comandada por Martim Afonso de Melo,[7] que entre outras embarcações incluía três galés, depois de repor a ordem no litoral africano de forma expedita, rumou precisamente àquele porto omanita, que havia sido assolado pouco tempo antes pelo mesmo Ali Beg,[8] e onde um dos capitães da armada, Belchior Calaça, deveria ocupar-se na construção de uma fortaleza portuguesa.[9]

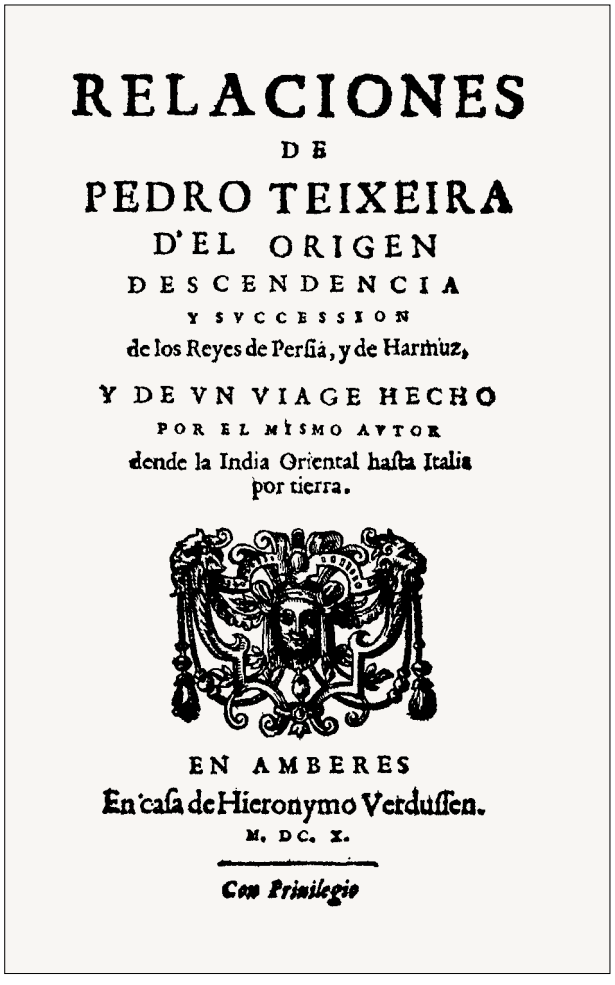
Em Outubro de 1587 já Pedro Teixeira estava de regresso a Goa, onde permaneceria durante alguns meses,[10] até embarcar de novo em Fevereiro do ano seguinte, desta vez com destino a Ceilão. Mais uma vez, tratava-se de uma expedição militar, que, sob o comando de Manuel de Sousa Coutinho, ia socorrer a fortaleza portuguesa de Colombo, que se encontrava ameaçada pelo Rajá Sinha I, de Sitavaka, um dos grandes inimigos da presença lusitana naquelas partes.[11] Poucas semanas mais tarde, cumprida a missão com sucesso, a força expedicionária voltava à Índia. Numa passagem das *Relaciones*, o autor refere que na jornada de regresso, vindo "*de la isla de Seylan para Goa*", escalou em Barcelor em Março do "*anno de 1588*".[12] Francisco Rodrigues da Silveira, autor de uma *Reformação da Milícia e Governo do Estado da Índia Oriental*, obra que na época permaneceu inédita, participou igualmente nas expedições à África Oriental e ao Ceilão, mas não faz qualquer referência a Pedro Teixeira, como aliás seria de esperar, tratando-se de uma figura menor na hierarquia militar do Estado da Índia.[13]

Pedro Teixeira, com toda a probabilidade, terá sido integrado na segunda expedição que, em Março de 1589, foi despachada para a África Oriental sob o comando de Tomé de Sousa Coutinho para fazer face a nova investida otomana, a qual viria a culminar

Cidade de Goa, in *Plantaforma das Fortalezas da Índia*, de Manuel Godinho de Erédia, c. 1620.

na captura do corsário Ali Beg, que foi levado para Goa, e daí para Portugal.[14] A restante parte deste ano teria sido passada no litoral indiano, em Goa, onde em diversas ocasiões Teixeira afirma ter estado "prezente",[15] talvez em Diu, onde também há notícias de ter estanciado,[16] ou em outros portos de influência portuguesa, eventualmente na costa do Coromandel, por onde também parece ter passado.[17] Os três anos de serviço militar no Estado da Índia, entre 1587 e 1590, configuram a carreira normal de um soldado português. Embora não se consigam detectar mais indícios de actividades militares nesta fase da vida de Teixeira, talvez se tivessem prolongado por idêntico período, já que nos "*annos de 1590 y 1591*" ele está repetidamente "*en la ciudad de Cochin*",[18] o grande centro portuário do Malabar, placa giratória de todos os tráficos orientais, onde existia uma importante fortaleza portuguesa. Por esses anos, desenvolveram-se diversas iniciativas de carácter militar, nomeadamente contra o corsário *mapila* Kunhali (o Cunhale das fontes portuguesas).[19]

Frontíspicio das *Relaciones* de Pedro Teixeira (Antuépia, 1610).


RELACIONES
DE
PEDRO TEIXEIRA
D'EL ORIGEN
DESCENDENCIA
Y SVCCESSION
de los Reyes de Perſia, y de Harmuz,
Y DE VN VIAGE HECHO
POR EL MISMO AVTOR
dende la India Oriental haſta Italia
por tierra.
EN AMBERES
En casa de Hieronymo Verdussen.
M. DC. X.
Con Privilegio

Durante os cinco anos imediatos nada se consegue apurar sobre as suas andanças, até que emerge "*el anno de 1596 en Harmuz*".[20] Muito provavelmente, Pedro Teixeira encontrava-se no empório ormuzino há já vários anos, talvez desde 1592 ou 1593. Com efeito, seria muito difícil explicar a existência das *Relaciones* sem um íntimo conhecimento da cultura e da geografia persas, só viável através de uma prolongada residência naquelas partes, que apenas poderia ter ocorrido neste período de cinco ou seis anos, que vai de 1592 a 1597. Numa passagem das *Relaciones*, o autor refere que em 1595 se ocupava com a tradução e comentário de crónicas persas, podendo deduzir-se que tal actividade teria lugar em Ormuz.[21] Entretanto, não é impossível que o nosso autor tivesse adquirido durante a sua estada no empório ormuzino conhecimentos mais ou menos aprofundados de língua persa. Diversos indícios dispersos pela obra de Teixeira parecem confirmar esta hipótese, como quando afirma a determinado passo das *Relaciones* que a língua persa "*es facil y no dura de pronunciar*".[22] Por outro lado, ao mencionar produtos naturais existentes na Pérsia, refere amiúde as correspondentes designações utilizadas naquela língua.[23] Entretanto, um eventual conhecimento da língua árabe parece menos provável, já que durante deslocações efectuadas por regiões onde esta era utilizada o nosso viajante recorreu amiúde ao serviço de intérpretes.[24] Não são claras as funções que Pedro Teixeira teria desempenhado em Ormuz, cuja fortaleza, por esses anos, foi sucessivamente capitaneada por D. João Pereira e por Jerónimo de Mascarenhas.[25]

A partir daquela ilha situada à entrada do Golfo Pérsico, controlada pelos portugueses desde as primeiras décadas de Quinhentos, Pedro Teixeira efectuou um invulgar périplo pela Pérsia safávida. Com efeito, na primeira metade de 1597 achava-se em "Mazandaron" (ou Mazandaran), região a sul do mar Cáspio, pouco frequentada por viajantes portugueses da época, que tinha acabado de ser incorporada no império em expansão de Xá 'Abbas.[26] Normalmente, os poucos portugueses que por estes anos visitavam a Pérsia seguiam as rotas mais frequentadas, que, do Bandel de Comorão, em frente da ilha de Ormuz, conduziam às cidades de Lar e de Xiraz, para depois rumarem a Bagdade.[27] Estaria o

Pormenor de um mapa da Ásia Ocidental incluído em Jan Huygen van Linschoten, *Itinerario, Voyage ofte Schipvaert van Jan Huygen van Linschoten naer Oost ofte Portugaels Indien,* 1596.

nosso homem integrado em alguma missão diplomática lusitana? Ou desenvolveria actividades de espionagem em prol das autoridades portuguesas de Ormuz? Ou, muito simplesmente, viajava por motivos pessoais, em demanda de mercadorias valiosas?

O governo do Estado da Índia, que desde sempre mantivera relações mais ou menos amistosas com os soberanos persas, estava particularmente atento à evolução político-militar do mundo safávida na sequência da ascensão ao poder de Xá 'Abbas em 1587,

já que este iniciara um processo de intensa centralização política que poderia ter, e efectivamente veio a ter, implicações para as posições portuguesas nas margens do golfo Pérsico. Entretanto, Filipe II, que desde 1581 assumira a coroa de Portugal (como Filipe I), escreveu diversas vezes aos governantes portugueses sedeados em Goa, e nomeadamente em 1594 e 1596,[28] no sentido de ser enviado um embaixador à Pérsia, a fim de se avaliarem as possibilidades de uma aliança ibero-safávida contra os otomanos. Talvez Teixeira estivesse nas regiões vizinhas ao mar Cáspio no cumprimento de funções diplomáticas, procurando juntar-se à corte itinerante do Xá 'Abbas. Mas nenhum documento confirma essa hipótese e, por estes anos, as missões desta natureza, quando tinham lugar no império safávida, eram normalmente confiadas a religiosos agostinhos.[29] Alternativamente, Teixeira poderia estar a viajar por conta própria e, neste caso, seria possível adivinhar objectivos de natureza mercantil na base das suas deambulações. As regiões setentrionais da Pérsia eram conhecidas sobretudo pelas suas produções têxteis, de forma que o nosso viajante poderia estar envolvido no tráfico de produtos de seda ou de lã. A seda oriunda da província de Mazandaran era, de resto, conhecida pela sua elevada qualidade.[30]

Qualquer que fosse o motivo para este inusitado périplo pelo interior da Pérsia, Teixeira já se encontrava em Goa em finais do mesmo ano de 1597. Ali efectuou uma curta escala, para logo de seguida embarcar com rumo à "*ciudad y fortaleza de Malaca*", onde permaneceria até 1600, durante a capitania de Martim Afonso de Melo.[31] As diversas etapas da vida oriental de Pedro Teixeira dividem-se em sucessivos períodos de três anos, fazendo sugerir o desempenho de diversos cargos oficiais no âmbito do Estado da Índia, onde este era o período normal de uma comissão de serviço nos mais diversos

"Gente portuguesa de Ormuz. Estão comendo dentro d'ágoa por ser a terra muito calmosa". Folio do Códice Português da Biblioteca Casanatenense, in Luís de Matos, ed., *Imagens do Oriente no Século XVI* (Lisboa, IN-CM, 1985).

postos: dois períodos de três anos na Índia, dois períodos de três anos em Ormuz e um período de três anos em Malaca. Não se conhecem as funções específicas que o viajante português teria desenvolvido. Contudo, ao longo das *Relaciones* multiplicam-se de forma regular as referências a produtos naturais susceptíveis de utilização terapêutica, o que levaria a supor que Teixeira estaria ligado a uma profissão na área da saúde, quer como boticário que tivesse de preparar e manusear drogas, quer como físico que tivesse de as utilizar com fins curativos.

"Gente que se chamam Zirazes. Mouros do reino do Xiraz, de que é senhor o xeque Ismael". Folio do Códice Português da Biblioteca Casanatenense, in Luís de Matos, ed., *Imagens do Oriente no Século XVI* (Lisboa, IN-CM, 1985).

Fosse como fosse, nos primeiros meses de 1600, dando por completo o seu período oriental, Teixeira navega para as Filipinas, com a intenção de alcançar a Europa seguindo a rota de Manila e Acapulco. Durante a União Ibérica, não foram invulgares os contactos entre Malaca portuguesa e Manila espanhola, pois um constante movimento de navios mercantis ligava as duas cidades portuárias. Poucos anos antes, um outro viajante bem conhecido, o flamengo Jacques de Coutre, viajara de Malaca para Manila sem quaisquer dificuldades.[32] Conhecem-se outros casos de viajantes que, por motivos variados, escolheram este caminho para regressarem do Oriente a Portugal. Apesar de estarem então em crescimento os assaltos de outras nações europeias à navegação ibérica, sobretudo em determinadas porções do Atlântico, a carreira da Índia continuava a realizar-se com regularidade e de forma geralmente segura. Assim, no caso de Teixeira, parece provável que a opção pela rota do Pacífico se tivesse ficado a dever ao desejo de correr mundo e de tomar contacto com novas terras. A escala em Manila, onde o nosso homem já se encontrava em Maio de 1600, não foi demorada, pois embarca para Acapulco assim que obtém autorização do "*Gouernador Don Francisco Tello de menezes, para passar a Nueua España*".[33] A viagem para o Novo Mundo, a bordo de um navio espanhol, demorou cerca de sete meses, sem incidentes dignos de menção. Uma vez em Acapulco, Teixeira prossegue por terra para a contra-costa mexicana, passando de caminho pela "*ciudade de los Angeles*", e atingindo rapidamente Vera Cruz, porto que então também era conhecido pela designação da ilha que lhe ficava fronteira, "*San Iuan de vlúa*".[34] Daqui largou, em Maio de 1601, numa frota espanhola com destino a Espanha, desembarcando "*en San Lucar, en seys de Setiembre*" de 1601.[35] Um mês mais tarde, depois de passar por Sevilha, entrava em Lisboa, "*hauiendo vn año y medio que partiera de Malaca*", quinze anos depois da sua viagem inaugural para a Índia.[36]

Na capital portuguesa, contudo, aguardava-o uma notícia desagradável. Antes de partir de Malaca, entregara certa "*quantidad de dineros á amigos*",[37] para que estes, pela via do cabo da Boa Esperança, lhe fizessem chegar a Lisboa o depósito, que se adivinha vultuoso. Por algum motivo, contudo, a verba esperada não chegara ainda a Portugal. Pedro Teixeira decidiu de imediato voltar à Índia, para onde embarcou novamente em Março de 1602, na armada de D. Francisco Telo de Meneses,[38] a fim de recuperar o seu investimento. Tudo leva a crer que a situação foi eventualmente resolvida, mas quando chegou a hora de regressar à Europa, em

princípios de 1604, "*cansado ya de tan prolixas y largas nauegaciones por mar*",[39] o nosso viajante decidiu seguir pela via terrestre, a partir de Ormuz. A extensa "*Relacion del camino qve hize dende la Índia hasta Itália*", que faz parte integrante das *Relaciones*, reconstitui em detalhe esta aventurosa jornada, que o levou sucessivamente a Mascate, Ormuz, Baçorá, Bagdade, Alepo e Veneza, onde chega a salvamento em Julho de 1605.[40]

AS *RELACIONES* DE PEDRO TEIXEIRA

Após o seu regresso definitivo à Europa, Pedro Teixeira, por razões que não se conseguem apurar, ter-se-á fixado em Antuérpia, metrópole do sul dos Países Baixos. A cidade do rio Escalda, que então era controlada pela Coroa espanhola, era um grande centro financeiro, comercial e cultural, que reunia vários atractivos para alguém com o perfil do nosso viajante, um homem simultaneamente interessado em assuntos mercantis, em temas de história natural e em questões orientais. Para além de ser um espaço eminentemente cosmopolita, Antuérpia possuía outra vantagem para alguém que, como parece óbvio, teria ideia de publicar um relato de viagens: na cidade existia um elevado número de empresas tipográficas, que ao longo do século xvi tinham publicado de forma regular obras sobre o mundo oriental, algumas delas, por sinal, da responsabilidade de autores portugueses.[41] Assim, em 1610 o nosso homem publicava na "casa de Hieronymo Verdussen" as *Relaciones de Pedro Teixeira d'el origen, descendência y succession de los reyes de Persia, y de Harmuz, y de un viage hecho por el mismo autor dende la India Oriental hasta Italia por tierra*.[42] Hieronymus Verdussen era um impressor experiente e a oficina Verdussiana, desde a conquista de Antuérpia pelas forças espanholas em 1585, impusera-se como uma das mais respeitáveis casas editoriais da cidade.[43]

A utilização da língua espanhola, em detrimento do português, é justificada por Teixeira como uma estratégia deliberada para abranger um público leitor mais vasto, já que o espanhol, ou mais precisamente o castelhano, funcionava como língua franca no vasto império, de dimensões mundiais, governado a partir de Madrid por Filipe III (e II de Portugal). Num primeiro momento, começara a redigir as *Relaciones* na sua "*lengua materna Portugueza*". Contudo, mudara depois de ideias, a conselho de alguns amigos, traduzindo a obra para castelhano, "*iuzgando que en esta lengua quedaua mas comunicable*".[44] Outros escritores, antes dele, haviam seguido idêntica estratégia, fazendo imprimir as suas obras em castelhano naquela mesma cidade com o propósito de alcançarem uma audiência mais alargada. Entre autores portugueses, valerá a pena relembrar o caso de Pedro Nunes, o conhecido matemático, que, em 1567, publicou em Antuérpia um *Libro de Algebra en Arithmetica y Geometria*.[45]

Quanto aos objectivos do autor, eles também são registados na abertura das *Relaciones*, pois Pedro Teixeira relembra o seu interesse pela história antiga da Pérsia, que o ocupara ainda antes da primeira partida para o Oriente, lendo diversos cronistas, antigos e modernos, que se haviam ocupado de história oriental, e sobretudo da cronologia dos monarcas persas, "*principalmente Procopio, Agáthio, Genebrardo, Zonaras, Tornamira, y otros no pocos*".[46] Os autores citados eram, respectivamente, Procópio de Cesareia, historiógrafo bizantino do século vi; Agatárcides, historiador grego do século ii a. C., que escrevera diversos tratados sobre temas asiáticos; Gilbert Genebrard, um beneditino que na segunda metade do século xvi se distinguira em Paris como orientalista; Johannes Zonaras, cronista bizantino do século xii, autor de um compêndio de história universal; e Francisco Vicente de Tornamira, cosmógrafo espanhol activo no século xvi. As obras destes autores, impressas ao longo do século de Quinhentos em prelos europeus, estariam decerto disponíveis em Portugal na época de Teixeira,[47] mas não é seguro que ele as tenha manuseado em primeira mão. Poderia antes ter recorrido indirectamente a estas fontes, através de referências contidas em obras mais divulgadas, como as *Antiguidades Judaicas* de Flávio Josefo, repetidamente impressas na época, ou o *Theatrum Orbis Terrarum* de Abraham Ortelius, publicado pela primeira vez em Antuérpia na década de 1570 e depois sucessivamente reeditado em versões melhoradas.[48] Contudo, a alegada frequência destes autores não satisfizera o nosso homem, pois encontrara a lição de todos eles "*tan dubdoza y incierta, que son raros los lugares en que acuerdan*".[49]

Mais tarde, achando-se em Ormuz, decidira tentar esclarecer as suas dúvidas relativas "*aquellos Reyes y antiguedades*" junto de eruditos persas que encontrara naquela ilha controlada pelos portugueses. Estes remeteram Teixeira para a cronística persa, nomeadamente para uma obra de "*mas autoridad en la historia*", a que davam o nome de "*Tarik Mirkond (que es la Crónica de Mirkond)*".[50] Pedro Teixeira era,

evidentemente, um homem de muitos recursos, pois conseguiu obter um manuscrito desta célebre e volumosa crónica persa, à qual, durante anos, dedicaria os seus esforços exegéticos. Parece natural concluir que, com o apoio de colaboradores locais, iniciou em Ormuz a aprendizagem da língua persa, para depois dar início à interpretação e à tradução de partes da crónica *Raudat al-safa'*, do escritor quatrocentista de língua persa Mirkhwand, ou Muhammad ibn Khavandshah (1433--1498). Esta obra, que apresentava uma circunstanciada narrativa política e militar da história persa, tinha sido anteriormente referida por outros autores portugueses. O conhecido cronista João de Barros terá sido um dos primeiros a conhecer e publicitar e existência desta fonte persa, de que, segundo parece, obteve uma cópia. Pedro Teixeira refere que Barros "*por falta de interprete no nos dio mas noticia del que el nombre*".[51] Porém, na *Ásia – Década Segunda*, publicada em Lisboa em 1553, Barros refere-se explicitamente à "chrinica [*sic*] geral dos Persas que é o Tarigh, […] que com outros volumes da história e cosmographia Persea ouuemos daquellas partes".[52] Outra fonte persa compulsada e traduzida por Pedro Teixeira nas suas *Relaciones* foi uma crónica dos reis de Ormuz. Este manuscrito, originalmente intitulado *Sháhnáma* e escrito por Turan Shah (r.1347--1378), também havia sido antes assinalado por João de Barros, na sua *Ásia – Década Segunda* .[53] O missionário dominicano frei Gaspar da Cruz, por ocasião de uma residência de vários anos em Ormuz, entre 1561 e 1564, tivera oportunidade de dedicar alguma atenção a esta crónica. Mais tarde, de regresso a Portugal, iria incluir uma "Relação da crónica dos reis de Ormuz", precisamente uma tradução resumida do *Sháhnáma*, no seu *Tratado das cousas da China*, impresso em Évora em 1570.[54] Alguns anos mais tarde, frei Agostinho de Azevedo, numa obra que ficou inédita na época, intitulada *Estado da India e*

"Gente que habita na Pérsia, que se chamam Turquimões. São gente muito valente de cavalo e grandes frecheiros. O seu rei é o xeque Ismael que conquista com o Turco". Folio do Códice Português da Biblioteca Casanatenense, *in* Luís de Matos, ed., *Imagens do Oriente no Século XVI* (Lisboa, IN-CM, 1985).

aonde tem o seu principio, haveria de transcrever largas passagens desta mesma crónica ormuzina, à qual tivera acesso durante uma prolongada estadia na ilha de Ormuz em finais do século xvi.[55]

As componentes principais das *Relaciones* apresentavam versões castelhanas relativamente livres destas duas crónicas manuscritas persas, uma deles sobre os sucessivos monarcas da Pérsia, outra sobre os soberanos do reino de Ormuz. Assim, logo depois das páginas iniciais (6 pp. não numeradas), surgia a volumosa "*Relacion, del origen, y descendência, de los Reyes de Persia*" (pp. 1-376), que seguia de perto o original de Mirkhwand. Como documentos complementares, seguiam-se uma "*Breve relacion de las províncias mas notables y qve mas han dvrado en el sennorio de la Pérsia*" (pp. 377-384) e uma lista dos "*Reyes qve señorearon la Persia hasta la entrada en ella de los Arabes*" (8 pp. não numeradas). Com numeração autónoma, aparecia depois a segunda crónica persa, a "*Breve relacion del principio del reyno Harmuz e de sus Reys hasta el tiempo en que los Portugueses lo occuparon*" (1-45), traduzida do manuscrito original, entretanto perdido, de Turan Shah.[56] Como complemento destes materiais estritamente persas, de natureza historiográfica, Pedro Teixeira incluía na sua obra uma extensa "*Relacion del camino qve hize dende la India hasta Itália*" (47-115 [i.e., 215]), de natureza autobiográfica. Entretanto, valerá a pena salientar que o título da primeira parte das *Relaciones* se revela assaz enganador, já que, para além das matérias propriamente cronísticas, o autor regista dezenas e dezenas de observações da mais diversa natureza, resultantes da sua vasta experiência ultramarina. Trata-se, sem dúvida, da mais surpreendente secção da obra, já que, de forma inesperada e não anunciada, o autor avança com descrições, apontamentos, referências, esclarecimentos, respeitantes a assuntos tão variados como a geografia, a botânica, a farmacologia, a linguística e a etnografia das muitas regiões que visitou durante as suas prolongadas andanças ao redor do mundo.

DROGAS ORIENTAIS NAS *RELACIONES*

As *Relaciones* de Pedro Teixeira, fazendo fé no respectivo título, não tratariam explicitamente de questões de história natural, sendo antes obra de cronística oriental, complementada por um relato de viagens. Contudo, um pouco por toda a obra, o autor introduz informações sobre produtos naturais raros ou valiosos, sobre as utilizações terapêuticas de determinadas drogas e sobre métodos curativos praticados em certas regiões orientais. Esta circunstância parece sugerir que Teixeira teria, simultaneamente, exercido funções de boticário e de físico, e também talvez de mercador de drogas, durante grande parte ou mesmo a totalidade da sua carreira ultramarina. Tais escolhas profissionais, de resto, explicariam o espírito inquisitivo do nosso homem, as suas incessantes deambulações, a fortuna acumulada e até a relativa liberdade de movimentos de que parece ter gozado.

As notícias sobre o mundo natural acumulam-se nas *Relaciones* desde as primeiras páginas, atravessando indiferentemente as diversas secções da obra, qualquer que seja a respectiva temática dominante. A gama de produtos abordados – de origem mineral, vegetal ou animal – é vastíssima, abrangendo do ponto de vista espacial as grandes áreas geográficas que desde a abertura do século xvi estavam a ser sistematicamente exploradas pelos europeus, e sobretudo pelos viajantes ibéricos.[57] O método de introdução de informações sobre matéria médica nos capítulos das *Relaciones* é algo aleatório, pois estas podem surgir de repente, a propósito de algum detalhe das crónicas persas, ou na sequência de uma particular descrição geográfica, ou ainda numa listagem de produções mais abundantes em determinadas regiões. Não havendo espaço para uma análise exaustiva, uns quantos exemplos bastarão para dar uma ideia da riqueza da obra de Pedro Teixeira em termos de história natural. E, de passagem, talvez seja possível reunir alguns indícios que possibilitem uma clara identificação da actividade principal a que o nosso viajante se dedicava.

O hábito de mascar bétele, comum em tantas províncias orientais, é referido numa descrição do *sati*, o ritual hindu de incineração das viúvas, que surge no capítulo 2 da primeira secção das *Relaciones*:

> "*viene mascando Betle, que es cierta yerua, de que adelante haré me*nción, *que suelen mascar en áctos de honra y gusto, au*nque *fuera dellos, la vza*n *tambie*n *muy de ordinário*".[58]

Cumprindo esta promessa, Teixeira volta a abordar o mesmo masticatório numa extensa passagem dedicada a diversas substâncias inebriantes, que surge logo de seguida no capítulo 6. Para além de identificar as diversas palavras que designam o bétele em diferentes línguas asiáticas, bem como os vários componentes que o integram (a folha de bétele, a noz de areca e a

cal de ostras), acrescenta que "*masca ordinariamente de dia y de noche, toda suerte de persona dende el Príncipe hasta el pobre marinero*", não se esquecendo de salientar as alegadas propriedades terapêuticas: "*es prouechosa para contra todas las passiones del estomago de causa fria; para las de los dientes y enzias fortificanndolos y preseruandolos, haziendo buen olor de boca*".[59] Decerto que Pedro Teixeira teve oportunidade de observar repetidamente, e até de experimentar, a utilização do bétele no decurso das suas extensas peregrinações, já que este hábito social estava disseminado um pouco por toda a Ásia marítima.[60] Contudo, a sua descrição assemelha-se bastante à que figura nos *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*,[61] publicados em Goa em 1563, nos prelos de Joannes de Endem, sugerindo que esta obra poderia ter sido utilizada na composição das *Relaciones*.

De resto, o inovador tratado do naturalista português Garcia de Orta é repetidamente citado por Teixeira, tanto de forma implícita, através de uma utilização de numerosas informações nele contidas, como de modo explícito, através de citações directas, de resto sempre bastante críticas. Ao mencionar a dada altura os mirabolanos oriundos de Kabul, escreve que o "*dotor Garcia dorta, trató destos y de todos sufficientemente però no conociò vna suerte destos Kebulos que yo vide grandisimos*".[62] Os mirabolanos são efectivamente descritos por Orta,[63] mas este escritor não viajou tão extensamente como Pedro Teixeira, limitando-se a percorrer a faixa ocidental do Indostão e partes da ilha de Ceilão durante a sua longa permanência no Oriente,[64] circunstância que pode explicar a alegação do autor das *Relaciones* de ter visto, provavelmente na Pérsia, uma qualidade de mirabolanos que não chegavam a Goa. Como sucede relativamente a muitos outros produtos exóticos, e reforçando a ideia de que estava profissionalmente ligado à matéria médica, Teixeira teve o cuidado de experimentar as propriedades dos mirabolanos, concluindo que a sua "*infusion o cozimiento*" era laxativa, para além de ser "*muy prouechosa contra callenturas y fluxos de sangre del vientre*".[65]

Mais adiante, no capítulo 27 da primeira parte das *Relaciones*, aparece nova referência crítica ao "*doctor Garcya Dorta, que en sus diálogos de los simplices de la India dice que la Tutia se hace de la ceniza de cierto arbol y fruto dito gune*". Aparentemente, o erudito e experiente botânico lusitano havia sido "mal informado" quanto à composição e propriedades da tutia, crendo tratar-se de um produto de origem vegetal oriundo da região persa de Kirman,[66] quando na verdade a substância usada pelos físicos orientais era um óxido impuro de zinco, produzido de facto naquela mesma região persa. Teixeira detém-se sobre as respectivas técnicas de fabrico: "*hazesse amassando la tierra de aquella sierra con agua pura, y cubriendo con ella ciertas formas de barro despues las mettem a cozer en hornos como de ollero, y siendo bien cozidas las quitan, y alimpiando las formas queda la Tutia*".[67] O minério de zinco, aquecido a altas

"Mulheres xiraoas. São do reino da Síria, cujo senhor é o xeque Ismael. São muito fermosas e grandes dançantes". Folio do Códice Português da Biblioteca Casanatenense, *in* Luís de Matos, ed., *Imagens do Oriente no Século XVI* (Lisboa, IN-CM, 1985).

temperaturas, dava origem a um óxido relativamente impuro, que era depois exportado para Ormuz "e*n Caxones*", sendo levado a partir daquela ilha para "*todo el mundo en gran quantidad*".[68]

A terceira referência concreta a Garcia de Orta aparece no capítulo 35 da primeira secção das *Relaciones*, no contexto da descrição da canela, onde mais uma vez o autor se propõe corrigir o que "*algo confusamente escriuio de la Canela*" o naturalista português.[69] Contudo, Pedro Teixeira apenas adianta algumas precisões de natureza linguística aos dados que tinham ficado registados nos *Colóquios dos Simples*,[70] fazendo sobretudo uso de notícias obtidas durante as suas visitas ao Ceilão e a Malaca. Entretanto, não deixa de ser curioso que todas as referências explícitas a Orta e ao seu tratado sejam negativas, chamando a atenção para lapsos ou falhas menores, dando a impressão de que Teixeira estaria a desenvolver uma estratégia de auto-promoção no campo da história natural. Ao criticar ou corrigir um autor tão conhecido como Garcia de Orta, e ainda por cima em Antuérpia, onde diversas adaptações da sua obra tinham sido impressas em décadas anteriores por Charles de l'Écluse (mais conhecido pelo nome latinizado de Carolus Clusius),[71] o autor das *Relaciones* estaria a tentar afirmar-se como um eminente especialista em história natural do Oriente.

A secção dedicada à canela ilustra claramente o processo de composição textual algo aleatório utilizado pelo nosso autor. Assim, num capítulo que inicialmente seria dedicado a "Keferé Anuxiron Rey da Persia", são sucessivamente introduzidas várias digressões, sobre Samarcanda, o grande empório mercantil da Ásia Central, sobre a história de Tamerlão, o celebrado conquistador turco-mongol,[72] sobre a mítica ilha de Ceilão e as suas riquíssimas produções (incluindo a canela), sobre práticas médicas orientais, sobre as origens do jogo de xadrez e sobre a peregrinação islâmica a Meca.[73] O leitor desprevenido, olhando para os títulos da obra ou dos sucessivos capítulos, nunca adivinharia que, sob a capa de uma anunciada enumeração cronológica de sucessos políticos e militares da antiga Pérsia, se esconderia um verdadeiro tesouro de história "moral" e "natural" ultramarina, para utilizar terminologia vigente na época.[74] O que coloca uma questão importante: por que razão Pedro Teixeira se apresenta como um especialista em temas persas, e sobretudo em história persa, e não como um orientalista de âmbito mais genérico? Em diversas universidades dos Países Baixos, e nomeadamente em Lovaina, nas proximidades de Antuérpia, existia já uma tradição de estudos orientalistas.[75] Poderia Pedro Teixeira querer impor-se como um eventual especialista em língua e cultura persas nos meios académicos flamengos? Talvez seja uma hipótese a ter em consideração, chamando entretanto a atenção para as referências que na sua obra se encontram às universidades de Paris, de Salamanca e, especificamente, de Lovaina.

Uma das passagens já referidas, onde Pedro Teixeira se debruça sobre o bétele, apresenta uma espécie de análise comparativa das substâncias inebriantes disponíveis em diferentes latitudes. O pretexto para esta curiosa digressão é uma referência ao facto de, segundo as crónicas persas, "Iambxed, Rey de Persia" ter sido o introdutor do vinho naquelas partes.[76] Em contraponto às informações fornecidas sobre "*el vzo del vino" em terras persas*,[77] o autor das *Relaciones* menciona duas bebidas comuns nas regiões ribeirinhas do Golfo Pérsico. Uma delas era destilada a partir de "*dattiles y hojas de regalis*", e davam-lhe a designação de "*Arequy, de Areca, palabra Parcia, que quiere dezir sudor*". Na opinião do autor, a araca, que é destilada a partir da tâmara, é a bebida "*mas fuerte y terrible de quatas se han inuentado*". Outra bebida, também muito estimada, fabricava-se a partir da "*infusion de vuas passas en agua fria*", processo que origina um produto fermentado e alcoólico.[78] Na sequência deste esclarecimento aparece uma verdadeira geografia comentada de produtos ingeridos em sociedade que provocam alterações dos sentidos. O vinho de palma ou "*Sura*", que depois de fermentado pode dar origem à "*Orraca*", usado um pouco por todo o Oriente; a "*Nipa*", outra espécie de destilado de palmeiras, comum no Sudeste Asiático; o vinho de "*lechyas, fruta semejante al madroño aunque mayor*", usado na China, onde lhe chamam "*vino de Mandarin*"; o vinho de milho, originário da Cafraria ou África Oriental; o vinho de arroz, que é consumido em Bengala. Aludindo a sucessivas bebidas que terá consumido em regiões visitadas, Teixeira não deixa de mencionar também a sua experiência americana, referindo-se ao "*vino Maguey*", produzido a partir do mescal, um cacto com propriedades estupefacientes, e à "*Yuca*", que os índios mexicanos produziam a partir de certa variedade de mandioca.[79]

Como o autor das *Relaciones* reconhece, "*son casi sin numero, las bebidas y vinos diferentes que*

varias naciones usan"; contudo, existem muitas outras substâncias inebriantes nos mundos ultramarinos, as quais Teixeira não deixa de mencionar, especificando as respectivas características ou propriedades. Em primeiro lugar, o bétele, já atrás referido. Depois, o ópio ou anfião, "*cuyo uso es mas comum a los Mahometanos*", deduzindo-se da respectiva descrição que o autor assistiu repetidamente ao seu consumo durante as suas andanças orientais, já que especifica modos de uso, variedades utilizadas e mesmo locais de origem. Assim, explica que o anfião era originário quer do Malwa, uma região do noroeste do Indostão, quer de "*Mecere*", isto é, do Egipto. Em terceiro lugar, o nosso viajante introduz uma bebida que fazia então a sua entrada nas fontes europeias, produzida a partir de uma semente trazida da Arábia, a que davam o nome de "*Kaoah*". Tratava-se, evidentemente, do café, que já então era consumido "*por toda Turquia, Arábia, Pérsia, y Suria*", depois de se ter começado a difundir paulatinamente a partir da Abissínia e do Iémen em finais do século xv. Pedro Teixeira explica que a bebida é obtida através da cozedura das sementes, sendo consumida muito quente, em pequenas escudelas de porcelana chinesa, em estabelecimentos próprios, onde os apreciadores se reúnem para o efeito. Tanto os cafés como o consumo desta bebida não tardariam a chegar à Europa, quer pela via directa de Istambul, onde numerosos europeus tomaram contacto com esta nova forma de sociabilidade, quer a partir dos territórios sob controlo otomano nos Balcãs.[80]

As referências ao café, por analogia, levam o autor das *Relaciones*, logo de seguida, a debruçar-se sobre três outras substâncias semelhantes nos efeitos e nas práticas sociais que lhes andam associadas. Por um lado, Teixeira menciona "*el Cha de China*", consumido naquele império e em muitas regiões vizinhas, "*hoja de yerua menuda, de cierta planta trahida de Tartaria*", que teve oportunidade de observar em Malaca. O facto de ter visto as folhas de chá secas não lhe permitiu ajuizar da respectiva forma, mas conseguiu apurar que a bebida resultante da cozedura desta planta era muito digestiva, especialmente indicada contra os malefícios provocados pela "*glotoneria de los Chinas*".[81] O chá havia sido mencionado anteriormente em textos portugueses da época, e nomeadamente no já referido *Tratado das Cousas da China* de frei Gaspar da Cruz,[82] mas a notícia de Pedro Teixeira não deixa de ser curiosa, já que, de um ponto de vista naturalista, associa aquela infusão chinesa a outras bebidas ou substâncias com efeitos semelhantes. Por outro lado, o nosso viajante regista a existência e os efeitos do "*Chocolate de nueua España, hecho de Kakao*", uma fruta que, segundo ele, "*se assemeja com el Kaoàh*", e que terá tido oportunidade de observar, e talvez consumir, durante a sua passagem pelo México durante a primeira viagem de regresso à Europa. O uso desta bebida estimulante, por esses anos já se difundira entre os colonizadores espanhóis do Novo Mundo, pois o padre José de Acosta escrevia na sua *História natural e moral de las Índias*, publicada em Sevilha em 1590, que "*los españoles, y más las españolas hechas a la tierra, se mueren por el negro chocolate*".[83] Enfim, uma última substância é registada na lista de Pedro Teixeira, "*el Tabaco, que es yerua santa seca, cuyo humo, no falta quien alabe y apprueue*".[84] A folha do tabaco, igualmente de origem americana, conhecera ao longo do século xvi um sucesso retumbante em muitas partes do mundo, nomeadamente, como referem as *Relaciones*, em "*santo Domingo, Peru, México, Manilla, Francia, Inglaterra, y en muchas otras partes del mundo*".[85] Muito embora Teixeira não se refira a territórios orientais, o tabaco desde os primórdios de Quinhentos havia sido difundido pelos portugueses através da Ásia marítima, inclusivamente até à China.[86]

Uma vez que grande parte das *Relaciones* é dedicada à Pérsia, o autor, muito naturalmente, presta especial atenção à matéria médica originária daquelas partes. Ao referir a cidade de Xiraz, por exemplo, menciona as "*aguas de rosas destiladas*",[87] que eram usadas tanto com objectivos terapêuticos, como na alimentação, e o costo amargo, que os "*Parsios dizen comunmente Kostalk*",[88] utilizado nomeadamente como anti--séptico e anti-helmíntico. Falando da antiga "*ciudad Hrey*", localizada nas proximidades da actual Teerão, regista a abundância de maná de excelente qualidade, "*en Parcio Xir quest, que es leche del arbol quest*", que era trazido para Ormuz.[89] Ao mesmo tempo que utiliza informações de Garcia de Orta – que escrevera "*chamase xirquest ou xircast, que quer dizer leite da arvore chamada quest*", acrescentando "*de modo que he hum rucio que cae daquellas arvores, ou goma que nace dellas*" –, o nosso autor aproveita para corrigir opiniões erróneas que circulavam sobre este produto, divulgadas nomeadamente pelos *Colóquios dos simples*, esclarecendo "*lo que acerca della se trata del Rozio y otros cuentos, son fingimientos o falsas informaciones*".[90]

Num capítulo dedicado às conquistas persas de Alexandre Magno, menciona diversos produtos medicinais, baseando-se liberalmente nos *Colóquios dos Simples*: o espiquenardo, "*la Spica nardi dicha en Parsio y Arabe, Sembul tib, espiga olorosa*";[91] o ruibarbo, planta semelhante a "*vn nabo echa de vn corto tallo*", com "*vnas hojas menudas y poco lleuantadas*", muito procurado pelos boticários;[92] o almíscar, "*a que Arabes y Parsios dizen Mexk: Mesk: o Mosk*", produzido por uns "*animales grandes y quasi especie de Venados*";[93] as madeiras odoríferas de calambaque e de sândalo;[94] e uma madeira a que dá o nome de "*Pao de Solor*", oriunda daquela ilha indonésia, que tem "*gran virtud cõtra muchas enfermedades*", nomeadamente como antídoto de venenos.[95] Depois deste longo excurso, Pedro Teixeira conclui que "*de todo esto hay escrito harto, por donde no me detengo en referillo*";[96] contudo, esquece-se de referir o autor que estava a citar, que não era outro senão Garcia de Orta.

As Relaciones *de Pedro Teixeira, fazendo fé no respectivo título, não tratariam explicitamente de questões de história natural, sendo antes obra de cronística oriental, complementada por um relato de viagens.*

Entretanto, o produto persa que mais destaque merece é, sem dúvida, a pedra bezoar, já que, apesar de existirem pedras similares em outras regiões ultramarinas, para Teixeira "*las de mas virtud y efficacia, son las de Persia, a las quales vide obrar marauillas en accidentes y passiones de veneno*". Na sua opinião, trata-se de um dos melhores antídotos para combater os mais variados tipos de envenenamento, que o nosso autor parece ter utilizado repetidamente, pois não se esquece de assinalar que se aplica "*la piedra Pazar contra todo veneno interior y exterior, y por abruiar contra todas las passiones com mucho prouecho*".[97] Aliás, indica logo de seguida diversos métodos seguros para avaliar a qualidades destas preciosas pedras medicinais. O texto das *Relaciones* esclarece a etimologia da palavra "*bezoar*", já que alguma confusão se gerara com a palavra parónima "*bazar*", que em diversas línguas orientais designava a praça ou mercado: "*à la piedra Bezar, llama el Parsio por excelencia Pázahar, que quiere dezir tanto como antídoto, y propiamente reparo de ponçoña o veneno, de Zahar que es nombre general de qualquier veneno, y pá, reparo*".[98] Pedro Teixeira entrava aqui, mais uma vez, em polémica com Garcia de Orta, que nos seus *Colóquios dos Simples* afirmara que "a gente indiana mais coruptamente lhe chama *pedra de bazar*; que quer dizer pedra da praça, ou da feira; porque *bazar* quer dizer luguar donde se vendem as cousas".[99] A referência às pedras bezoar é aproveitada pelo viajante português para introduzir um conjunto de observações sobre outros produtos terapêuticos do mesmo género, que se encontram um pouco por toda a Ásia e mesmo no Novo Mundo.

PEDRO TEIXEIRA E A MEDICINA ORIENTAL

Garcia de Orta, como foi já referido, é repetidamente citado por Pedro Teixeira ao longo das páginas da sua obra. Contudo, o célebre naturalista, que estava sedeado em Goa, não é a única autoridade em questões de matéria médica convocada pelo nosso viajante. Para além de menções aos grandes clássicos da medicina ocidental, como "*Hypocras*" e "*Galieno*" (Hipócrates e Galeno),[100] surgem ao longo das páginas das *Relaciones* referências regulares a médicos orientais e às respectivas práticas, muitas delas exóticas do ponto de vista europeu. O viajante português, de resto, demonstra alguma familiaridade com todas estas questões, deixando assim dar forma à suspeita de que teria exercido profissão de boticário ou de físico durante a sua carreira ultramarina. Assim, numa secção da obra onde descreve diversas pedras utilizadas como contra-venenos, deixa várias notas pessoais, salientando que ele próprio ou tinha usado tais substâncias em múltiplas ocasiões, ou tinha assistido repetidamente a curas por elas obradas. A respeito da pedra de porco-espinho,[101] por exemplo, sublinha que "*solo aquellos que la experimentaron, lo pueden creer sin escurupulo: de lo que yo puedo ser buen testigo, por lo que en varios tienpos y lugares le vide obrar*".[102]

Aparentemente, Teixeira teria mesmo compulsado obras de alguns autores orientais mencionados nas

Relaciones, como é o caso de "*Zahhyrey Koarrazmxá, que suena en nuestro vulgar Zacharias Rey de Koarrazm, medico famoso que hizo vn libro muy semejante al de Mesue, de que en la Persia se vsa*".[103] Estava aqui a referir-se, por um lado, a Ibn Zakariya al-Razi (865--925), autor de numerosas obras médicas, conhecido na Europa como Rasis, e, por outro lado, a Ibn Masawaih (777-867), físico assírio bem conhecido dos especialistas europeus. Noutra secção da obra, destaca a figura do "*insigne medico Avicena*" (980-1037), a que os persas dão o nome de "*Xeque Reis Boaly Sina, o, Eben Sina*", explicando que este célebre polígrafo originário do Uzbequistão escreveu muito mais livros do que os que são conhecidos na Europa, "*y en particular vn volumen que contiene veynte libros de musica, à que los Parsios llaman Musiquy Boaly: la musica de Boaly*".[104] Enfim, menciona o nosso viajante o físico andaluz **"***Albucazis*", ou Abu al-Qasim (963-1013), a propósito de terapêutica à base de fogo.[105]

O capítulo 35 da primeira parte das *Relaciones*, dedicado a mais um soberano persa, dá subitamente lugar a uma extensa e inflamada apologia dos médicos orientais, que é ao mesmo tempo uma crítica a certos médicos europeus. Começando por afirmar que "*No puedo dexar de marauillarme de aquellos, que à todos los medicos que no son Griegos o Latinos llaman Barbaros*", Teixeira explica de seguida que "*huuo y ay aun en la Persia y Arabia, y en la Indiá, Medicos tan prestantes en su arte que pueden tener las primas en cualquiera parte*".[106] E logo prossegue com um périplo oriental sobre as várias práticas médicas com que pôde tomar contacto durante as suas andanças, sempre num registo positivo. Os árabes e persas "*tienen y uzan la medicina, en la forma de los Griegos, y Latinos, con poca differencia*", exceptuando-se a circunstância de muito raramente recorrerem à sangria, que entre os europeus era prática corrente. A prática da medicina está tão espalhada na Pérsia, que, para além de existirem numerosíssimas boticas públicas onde os médicos se abastecem, "*todo el hombre que puede, tiene en su casa botica particular*".[107] Pormenor interessante, encontravam-se na Pérsia mulheres especializadas em artes médicas, que se ocupavam de outras mulheres e de crianças. Homens e mulheres que se ocupam da saúde fazem uso "*de todos nuestros simples medicinales, q*ue *de de todos es muy abastada la Persia y Arábia, y de otros no poços de que àca carescemos*".[108] Passando à Índia, nota o nosso autor a existência de numerosos médicos, e entre estes os chamados "*Pandytos*", que são "*letrados y Buenos filosofos*". Estes estudam em escolas especializadas e "*tienen su sciencia y arte escrita en lengua differente de la vulgar*".[109] Para além destes letrados, existiam outros físicos "*Enpiricos*". Tanto uns como outros recorriam a um abundante sortido de remédios e de mezinhas, "*para vários effeitos efficasissimas*".[110] Prosseguindo a sua viagem pelas práticas médicas asiáticas, Teixeira refere de seguida os físicos chineses, alguns dos quais seguem o "*modo de curar de Albucazis todo com fuego, sino que en lugar de hyerro, cauterisan con yeruas secas encendidas*". Estava evidentemente a referir-se à prática chinesa da moxibustão, que teria tido oportunidade de observar em Malaca ou em Manila, onde existiam largas comunidades oriundas da China.[111]

Pedro Teixeira, nas suas *Relaciones*, regista um alargado conjunto de observações relativas à matéria médica oriental, fruto, simultaneamente, de vivências concretas, de informações orais e de leituras diversas. Em primeiro lugar, revela um apurado interesse pelos mais variados tipos de drogas e de simples que circulavam pelos mundos orientais. Curiosamente, não se ocupa destas matérias como um homem de negócios, pois nunca avança dados de natureza mercantil, mas antes procede como um físico profissional, do ponto de vista da prática experimental, mesmo do manuseamento, ou como um naturalista amador, com aguda curiosidade pela realidade observada. O seu conhecimento destes assuntos, pode constatar-se, é muito vasto e consideravelmente especializado. Em segundo lugar, o nosso homem tem a preocupação de observar e de descrever práticas médicas exóticas, olhando para os físicos orientais, de um modo genérico, com uma positiva valoração. Numerosas práticas orientais (árabes, persas, indianas, chinesas) são favoravelmente comparadas com a tradição médica europeia. A esta preocupação, em terceiro lugar, associa-se o cuidado de referenciar figuras destacadas da medicina, quer os clássicos bem conhecidos da Europa culta, quer a literatura médica persa, alguma da qual parece conhecer em primeira mão. Enfim, em quarto lugar, Teixeira alude repetida e criticamente à obra de Garcia de Orta, o celebrado naturalista português. Os *Colóquios dos Simples*, de forma explícita, mas também implícita, são repetidamente citados, servindo, ao mesmo tempo, quer de ponto de partida essencial para uma deambulação pelo mundo natural oriental, quer de alavanca para o estabelecimento de uma posição crítica e inovadora.

HISTORIOGRAFIA

Pedro Teixeira, segundo parece, quis impor-se ao público leitor europeu não só como um especialista em assuntos históricos, culturais e linguísticos persas, mas também como um entendido em matéria médica.[112] Eis uma característica das *Relaciones* que tem sido pouco destacada pelos analistas da obra: um interesse consistente e informado pelas drogas e pelas práticas médicas orientais, uma evidente ligação ao mundo da medicina e da farmacologia. Nas entrelinhas da sua obra, Teixeira revela diversas características notáveis, desde uma alargada cultura livresca a um agudo poder de observação, passando por uma curiosidade activa e por uma disponibilidade para aprender, que fazem dele um informador de primeira qualidade sobre as realidades orientais. Tanto mais, que, ao longo de um prolongado período da sua vida, teve oportunidade de realizar extensíssimas deambulações pelos mundos extra-europeus. Eis uma faceta menos explorada de um autor esquecido, cuja obra, de resto, continua por traduzir e/ou editar em Portugal. Após a publicação das *Relaciones* em 1610, não se consegue encontrar o mínimo rasto do seu autor, nem nos Países Baixos, nem em Portugal, desconhecendo-se a data da sua morte. A obra de Teixeira, pelo contrário, teve um enorme impacto nos meios cultos europeus, já que circulou intensamente, sendo objecto de regulares referências inter-textuais na literatura geográfica da época, para além de ter sido repetidamente traduzida, ao menos para francês e para inglês.[113] No fim de contas, o viajante português aparecia como um observador extremamente bem informado sobre as coisas da Pérsia, que no tempo do Xá 'Abbas, e de um ponto de vista das relações internacionais, começava a despertar intensa curiosidade e inusitado interesse em diversos centros políticos europeus. **RC**

NOTAS

1 O mais amplo e qualificado exercício biográfico sobre Pedro Teixeira deve-se a Donald Ferguson, "Introduction", pp. i-c. Ver também Luís Graça, *A Visão do Oriente*, pp. 25-28; José Nunes Carreira, *Do Preste João*, pp. 99-111; Eduardo Barajas Sala, "Introducción", pp. xiv-xxxix; e José Manuel Garcia, "Pedro Teixeira e Fr. António de Gouveia", pp. 205-208.

2 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RC, cap. 5, p. 111 (de facto, p. 211). A numeração da edição original, que aqui se cita, contém alguns lapsos. Para efeitos de citação, utilizam-se duas siglas: RP, que designa a primeira parte da obra, "Relacion del origen y descendência de los reyes de Persia" (pp. 1-384), e RC, que designa a "Breve relacion del principio del reyno Harmuz" (pp. 1-45) e a "Relacion del camino que hize dende la Índia hasta Itália" (pp. 47-115 [de facto, 47-215]), as quais têm paginação autónoma.

3 *Relação das Náos*, pp. 89-90. Cf. Diogo do Couto, *Década 10*, liv. 8, cap. 6 (pt. 2, pp. 295-304).

4 Armando da Silva Saturnino Monteiro, *Batalhas e Combates*, vol. 4, pp. 138-141.

5 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RC, cap. 1, p. 52.

6 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 29, p. 138.

7 Diogo do Couto, *Década 10*, liv. 8, cap. 10 (pt. 2, pp. 328-330); sobre o contexto desta expedição, ver Giancarlo Casale, "Global Politics in the 1580's", pp. 267-296

8 Armando da Silva Saturnino Monteiro, *Batalhas e Combates*, vol. 4, pp. 36-40.

9 Cf. António Bocarro, *O Livro das Plantas*, vol. 2, p. 44; ver também Willem Floor, *The Persian Gulf*, pp. 324-325.

10 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 33, p. 166.

11 Diogo do Couto, *Década 10*, *passim*.

12 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 22, p. 104.

13 Francisco Rodrigues da Silveira, *Reformação da Milícia*, pp. 49--52.

14 Diogo do Couto, *Década 11*, caps. 5-10, pp. 26-59; Frei João dos Santos, *Etiópia Oriental*, liv. 5, caps. 7-12, pp. 349-365. Ver Armando da Silva Saturnino Monteiro, *Batalhas e Combates*, vol. 4, pp. 235--240.

15 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 33, p. 166.

16 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 22, p. 95.

17 Cf. Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 2, p. 9.

18 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 33, p. 161.

19 Charles R. Boxer & José Frazão de Vasconcelos, *André Furtado de Mendonça*, pp. 21-35.

20 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 22, p. 93.

21 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 21, p. 84: "en el anno de 1595. quando esto iua escriuie*n*do".

22 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 8, p. 32.

23 Cf. Pedro Teixeira, *Relaciones*: alcatifas, "*el Parsio las llama Kalicheylas*" (RP, liv. 1, cap. 27, pp. 119-120); areca, "*palabra Parcia, que quiere dezir sudor*" (RP, liv. 1, cap. 6, p. 16); erva lombrigueira, "*los Parsios en lengua propia la llaman dram nah Kermony*" (RP, liv. 1, cap. 27, p. 121); pedra bezoar, "*llama el Parsio por excelencia Pázahar, que quiere dezir tanto como antidoto*" (RP, liv. 1, cap. 33, p. 157); tutia, "*aque los Parsios en lengua propia llaman Tutyah*" (RP, liv. 1, cap. 27, pp. 121).

24 *Ibidem*, RC, cap. 3, p. 78.

25 Sobre Ormuz nesta época, ver Luis Gil, "Ormuz pendant l'union dynastique", pp. 177-190.

26 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 14, p. 48. Sobre as campanhas militares de 'Abbas nesta época, ver Andrew J. Newman, *Safavid Iran*, pp. 50-72.

27 Luís Graça, *A Visão do Oriente*, pp. 314-315.

28 Cf. *Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa*, n.º 2, pp. 198-200 e n.º 3, pp. 417-418.

29 Roberto Gulbenkian, *L'ambassade en Perse*, pp. 29-32.

30 Rudolph P. Matthee, *The Politics of Trade*, pp. 36-38.
31 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 29, p. 142; RC, cap. 1, p. 47. Malaca começava nesta época a enfrentar crescente concorrência dos holandeses (ver Manuel Lobato, *Política e Comércio dos Portugueses*, *passim*).
32 Jacques de Coutre, *Andanzas asiaticas*, pp. 143-148.
33 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RC, cap. 1, p. 41 [= p. 55]. Teixeira comete um lapso, pois, na realidade, o governador das Filipinas era então D. Francisco Tello de Guzmán (cf. Antonio de Morga, *Sucesos de las Islas Filipinas*, pp. 109-195).
34 *Ibidem*, RC, cap. 1, p. 60.
35 *Ibidem*, RC, cap. 1, p. 48 [= p. 62].
36 *Ibidem*, RC, cap. 1, p. 48 [= p. 62].
37 *Ibidem*, RC, cap. 2, p. 49 [= p. 63].
38 *Relação das Náos*, p. 107.
39 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RC, cap. 1, p. 48 [= p. 62].
40 *Ibidem*, RC, pp. 47-115 [i.e., pp. 47-215].
41 Sobre Antuérpia, ver Alistair Hamilton, *Arab Culture*, *passim*; e também os capítulos dedicados a esta metrópole em Patrick O'Brien (ed.), *Urban Achievement*, *passim*.
42 Para além de traduções e edições mais antigas, existe uma recente reedição fac-similada desta primeira edição (Elibron Classics, 2007); está disponível uma tradução inglesa (parcial) da Hakluyt Society (Londres, 1902): *The Travels of Pedro Teixeira with his Kings of Harmuz and extracts from his Kings of Persia*, ed. William F. Sinclair & Donald Ferguson, com recente reedição fac-similada (Kessinger Publishing, s.d.); e existe uma edição espanhola: *Relaciones de Pedro Teixeira del origen, descendência y svccession de los Reyes de Persia, y de Harmuz, y de vn viagem hecho por el mismo avtor dende la India Oriental hasta Italia por tierra*, ed. Eduardo Barajas Salas (Madrid, 1994). Não existe edição ou tradução portuguesa.
43 Sobre Verdussen, cf. http://cvc.cervantes.es/obref/fortuna/expo/imprenta/imprenta_v.htm#verdussen
44 Pedro Teixeira, *Relaciones*, "Al lector", s.n.p.
45 Henrique Leitão (coord.), *Pedro Nunes 1502-1578*, pp. 110-111.
46 Pedro Teixeira, *Relaciones*, "Al lector", s.n.p.
47 Para uma identificação dos títulos concretos, cf. Pedro Teixeira, *The Travels*, p. ciii.
48 Paul Binding, *Imagined Corners*, pp. 164-229.
49 Pedro Teixeira, *Relaciones*, "Al lector", s.n.p.
50 *Ibidem*, "Al lector", s.n.p.
51 *Ibidem*, "Al lector", s.n.p.
52 João de Barros, *Ásia – Década Segunda*, liv. 5, cap. 2, p. 191. Sobre o *Tarigh* ver Georg Schurhammer, *Francisco Javier*, vol. 3, pp. 555--556.
53 *Ibidem*, liv. 2, cap. 2, p. 48: "*O principio deste reyno Ormuz (segundo contam as chrónicas dos reyes delle que nos foram jnterpretádas de Parseo)*".
54 Frei Gaspar da Cruz, *Tratado*, pp. 267-279.
55 Cf. *Documentação Ultramarina*, vol. 1, pp. 201-210. O texto do missionário agostinho, por sua vez, seria reproduzido pouco depois por Diogo do Couto, na sua *Década 5* (liv. 10, cap. 1), impressa em Lisboa em 1612. Ver Rui Manuel Loureiro, *A Biblioteca de Diogo do Couto*, pp. 199-203.
56 Ver, a propósito, Alexandra Pelúcia, "A história de Ormuz segundo Pedro Teixeira", pp. 223-238.
57 Para uma primeira enumeração, ver Eduardo Barajas, "Las *Relaciones* de Pedro Teixeira", pp. 3-31.
58 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 2, p. 9.
59 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 6, p. 18.
60 Para um levantamento das referências de outros autores coetâneos ao bétele (preparado a partir da folha de *Piper betel* e da noz da *Areca catechu*), ver Rui Manuel Loureiro "A verde folha da erva ardente", pp. 1-20.
61 Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, col. s.n., vol. 2, pp. 389--396.
62 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 18, p. 76.
63 Os mirabolanos referidos correspondem a diversas espécies, nomeadamente *Terminalia chebula*, *Terminalia belerica* e *Phyllanthus emblica*. Cf. Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, col. 37, vol. 2, pp. 151-160.
64 Sobre as viagens do naturalista português, ver Rui Manuel Loureiro, "Garcia de Orta e os *Colóquios dos Simples*", pp. 135-145.
65 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 18, p. 76.
66 Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, col. 56, vol. 2, pp. 359-361: "fazse da cinza de hum páo que se chama goan" (p. 359).
67 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 27, p. 121.
68 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 27, p. 121. A tutia era utilizada nomeadamente como medicamento em doenças do foro oftalmológico. Ver Harold J. Cook, *Matters of Exchange*, p. 203.
69 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 35, p. 186. A canela corresponde à casca do *Cinnamomum zeylanicum*.
70 Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, col. 15, vol. 1, pp. 201-234.
71 A primeira tradução em latim foi impressa em Antuérpia em 1567, numa edição preparada por Carolus Clusius (cf. *Aromatum et simplicium*, *passim*); em 1605, precisamente no ano da chegada de Pedro Teixeira a Antuérpia, fora publicada naquela cidade uma nova edição da tradução latina da obra de Garcia de Orta preparada por Clusius (*Exoticorum libri decem*). Poderia até dar-se o caso de Teixeira ter utilizado uma das traduções latinas dos *Colóquio dos Simples* e não o próprio original impresso em Goa.
72 A respeito de Tamerlão, Pedro Teixeira cita noutra secção das *Relaciones* um livro persa "*de la vida y hechos de Teymur, muy particular y de no vulgar estilo*" (RP, liv. 1, cap. 35, p. 173).
73 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 35, pp. 171-194.
74 Aliás, ainda hoje as *Relaciones* continuam a ser pouco frequentadas pelos especialistas de história das interacções euro-asiáticas nos alvores da modernidade, muitos dos quais parecem desconhecer que Pedro Teixeira, para além de precoce tradutor de crónicas persas, é também um observador informado de muitas outras realidades do Oriente do seu tempo.
75 Sobre os estudos orientalistas na Europa, vd. Donald F. Lach, *Asia in the Making of Europe*, vol. 2, livs. 2-3, *passim*.
76 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 6, pp. 14-15.
77 Ver, sobre esta questão, Rudi Matthee, *The Pursuit of Pleasure*, pp. 37-68.
78 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 6, pp. 15-16.
79 Para todas estas referências a bebidas ou substâncias inebriantes ou excitantes, cf. *ibidem*, RP, liv. 1, cap. 6, pp. 16-21.
80 Ralph S. Hattox, *Coffee and Coffeehouses*, *passim*.
81 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 6, p. 19.
82 Cf. Fr. Gaspar da Cruz, *Tratado*, cap. 13, p. 64. Sobre o chá e a sua difusão, ver João Telles e Cunha, "O chá. A socialização da bebida", pp. 289-329.
83 José de Acosta, *Historia natural*, p. 266.
84 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 6, p. 20.
85 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 6, p. 20. Ver *Plantas viajantes*, pp. 58-60.
86 Ver Arlindo Caldeira, "A divulgação do tabaco", pp. 64-81.
87 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 6, p. 22.
88 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 6, p. 23. Sobre o costo (*Saussurea Lappa*), cuja raiz tem largas aplicações terapêuticas, cf. Garcia de Orta, *Colóquios*, col. 17, vol. 1, pp. 255-276.
89 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 7, pp. 29-30.
90 Garcia de Orta, *Colóquios*, col. 33, vol. 2, p. 91; Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP I, cap. 7, p. 30. O maná corresponde ao *Cotoneaster nummularia*.
91 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 22, p. 92. Cf. Garcia de Orta, *Colóquios*, col. 50, vol. 2, pp. 291-299. O espiquenardo, usado como sedativo e como perfume, corresponde ao *Nardostachys jatamansi*.

92 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 22, p. 108. Cf. Garcia de Orta, *Colóquios*, col. 48, vol. 2, pp. 275-279. Sobre o ruibarbo, *Rheum officinale*, que tem propriedades laxativas e adstringentes, ver Clifford M. Foust, *Rhubarb*, *passim*.
93 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 22, p. 110. Sobre o almíscar, vd. Peter Borschberg, "O comércio europeu de almíscar", pp. 90-99.
94 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 22, pp. 110-111. Cf. Garcia de Orta, *Colóquios*, col. 30, vol. 2, pp. 47-67.
95 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 22, p. 113. Cf. Garcia de Orta, *Colóquios*, col. 42, vol. 2, pp. 181-193.
96 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 22, p. 110.
97 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 33, p. 159.
98 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 33, p. 157. Cf. Garcia de Orta, *Colóquios*, col. 45, vol. 2, pp. 231-239. Sobre a pedra bezoar, ver Jorge Manuel dos Santos Alves, "A pedra-bezoar", pp.121-134.
99 Garcia de Orta, *Colóquios*, col. 45, vol. 2, p. 233.
100 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 35, p. 178.
101 A pedra de porco-espinho, na realidade um cálculo intestinal, era vulgar em Malaca (ver Peter Borschberg, "O comércio, uso e falsificação", pp. 60-78).
102 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 33, p. 161.
103 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 22, p. 114.
104 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 35, pp. 176-177.
105 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 35, p. 180.
106 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 35, p. 175.
107 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 35, p. 178.
108 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 35, p. 179.
109 Pedro Teixeira estava a referir-se ao sânscrito, língua utilizada na literatura médica indiana. Ver, a propósito, M. N. Pearson, "Hindu Medical Practice", pp. 100-113.
110 Pedro Teixeira, *Relaciones*, RP, liv. 1, cap. 35, pp. 179-180.
111 *Ibidem*, RP, liv. 1, cap. 35, p. 180.
112 Para outros exemplos de médicos viajantes nesta época, ver Françoise de Valence, *Médecins de fortune*, *passim*.
113 Cf. Donald Ferguson, "Introduction", pp. xc-c.

BIBLIOGRAFIA

Acosta, José de. *Historia natural y moral de las Indias*. Ed. José Alcina Franch. Madrid: Historia 16, 1986.

Alves, Jorge Manuel dos Santos. "A pedra-bezoar. Realidade e mito em torno de um antídoto", *in* Jorge Manuel dos Santos Alves, Claude Guillot e Roderick Ptak (coord.), *Mirabilia Asiática: Produtos Raros no Comércio Marítimo/ Produits rares dans le commerce maritime/ Seltene Waren im Seehandel*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag e Fundação Oriente, 2003, pp. 121-134.

Barajas Sala, Eduardo. "Las *Relaciones* de Pedro Teixeira (Amberes, 1610). I. Portuguesismos lexicos: Los Fitonimos". *Revista de Guimarães* (Guimarães), vol. 96, 1989, pp. 3-31.

——. "Introducción", in Pedro Teixeira, *Relaciones de Pedro Teixeira del origen, descendencia y svccession de los Reyes de Persia, y de Harmuz, y de vn viage hecho por el mismo avtor dende India Oriental hasta Italia por tierra*. Ed. Eduardo Barajas Salas. Madrid: Miraguano Ediciones e Ediciones Polifemo, 1994, pp. v-xliii.

Barros, João de. *Ásia. Década Segunda*. Ed. António Baião e Luís F. Lindley Cintra. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974.

Binding, Paul. *Imagined Corners: Exploring the World's First Atlas*. Londres: Review, 2003.

Bocarro, António. *O Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*. Ed. Isabel Cid, 3 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa (Lisboa), n.os 2 e 3, 1955.

Borschberg, Peter. "O comércio europeu de almíscar com a Ásia no início da era moderna". *Oriente* (Lisboa), n.º 5, 2003, pp. 90-99.

——. "O comércio, uso e falsificação dos bezoares de porco-espinho na Época Moderna". *Oriente* (Lisboa), n.º 14, 2006, pp. 60-78.

Boxer, Charles R. e Vasconcelos, José Frazão de. *André Furtado de Mendonça*. Macau: Fundação Oriente e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1989.

Caldeira, Arlindo Manuel. "A divulgação do tabaco brasileiro na China: A miragem de um mercado". *Revista de Cultura/ Review of Culture* (Macau), n.º 21, 2007, pp. 64-81.

Carreira, José Nunes. *Do Preste João às ruínas da Babilónia: Viajantes portugueses na rota das civilizações orientais*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1990.

Casale, Giancarlo. "Global Politics in the 1580s: One Canal, Twenty Thousand Cannibals, and an Ottoman Plot to Rule the World". *Journal of World History* (Honolulu), vol. 18, 2007, pp. 267-296.

Clusius, Carolus. *Aromatvm et simplicivm aliquot medicamentorvm apvd Indos nascentivm historia*. Ed. Jaime Walter. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1964.

Cook, Harold J. *Matters of Exchange: Commerce, Medicine, and Science in the Dutch Golden Age*. New Haven: Yale University Press, 2007.

Couto, Diogo do. *Da Ásia. Décadas*. Fac-símile da edição de (1778-1788. 15 vols. Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1973-1975.

Coutre, Jacques de. *Andanzas asiáticas*. Ed. Eddy Stols, Benjamin N. Teensma e Johan Verberckmoes. Madrid: Historia 16, 1991.

Cruz, Frei Gaspar da. *Tratado das Coisas da China*. Ed. Rui Manuel Loureiro. Lisboa: Edições Cotovia, 1997.

Cunha, João Telles e. "Chá. A socialização da bebida em Portugal – Séculos XVI-XVIII", *in* Luís Filipe F. R. Thomaz (ed.), *Aquém e Além da Taprobana: Estudos Luso-Orientais à Memória de Jean Aubin e Denys Lombard*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, 2002, pp. 289-329.

Documentação Ultramarina Portuguesa. Ed. António da Silva Rego, 5 vols. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960-1967.

Ferguson, Donald. "Introduction". In Pedro Teixeira, *The Travels of Pedro Texeira with his Kings of Harmuz and Extracts from his Kings of Pérsia*. Ed. William F. Sinclair e Donald Ferguson. Londres: Hakluyt Society, 1902, pp. i-c.

Floor, Willem. *The Persian Gulf: A Political and Economic History of Five Port Cities, 1500-1700*. Washington DC: Mage Publishers, 2006.

Garcia, José Manuel. "Pedro Teixeira e Fr. António de Gouveia: leurs intérêts pour la Perse", *in* Dejanirah Couto e Rui Manuel Loureiro (ed.), *Revisiting Hormuz: Portuguese Interactions in the Persian Gulf Region in the Early Modern Period*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag e Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, pp. 205-215.

Gil, Luis. "Ormuz pendant l'union dynastique du Portugal et de l'Espagne (1582-1622)", *in* Dejanirah Couto e Rui Manuel Loureiro (ed.), *Revisiting Hormuz: Portuguese Interactions in the Persian Gulf Region in the Early Modern Period*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag e Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, pp. 177-190.

Graça, Luís. *A Visão do Oriente na Literatura Portuguesa de Viagens: Os Viajentes Portugueses e os Itinerários Terrestres (1560-1670)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

Gulbenkian, Roberto. *L'ambassade en Perse de Luís Pereira de Lacerda et des Pères Portugais de l'Ordre de Saint-Augustin, Belchior dos Anjos et Guilherme de Santo Agostinho, 1604-1605*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

Hamilton, Alistair. *Arab Culture and Ottoman Magnificence in Antwerp's Golden Age*. Londres e Oxford: The Arcadian Library e Oxford University Press, 2001.

Hattox, Ralph S. *Coffee and Coffeehouses: The Origins of a Social Beverage in the Mediveal Near East*. Seattle: University of Washington Press, 1985.

Lach, Donald F. *Asia in the Making of Europe,* vol. II: *A Century of Wonder*. 3 vols. Chicago: University of Chicago Press, 1970-1977.

Leitão, Henrique (coord.). *Pedro Nunes 1502-1578*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

Lobato, Manuel. *Política e Comércio dos Portugueses na Insulíndia: Malaca e as Molucas de 1575 a 1605*. Macau: Instituto Português do Oriente, 1999.

Loureiro, Rui Manuel. *A Biblioteca de Diogo do Couto*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1998.

——. "'A verde folha da erva ardente': o consumo do bétele nas fontes europeias quinhentistas", *in* Jorge Manuel dos Santos Alves, Claude Guillot e Roderick Ptak (coord.), *Mirabilia Asiática: Produtos Raros no Comércio Marítimo/ Produits rares dans le commerce maritime/ Seltene Waren im Seehandel*, vol. 2. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag e Fundação Oriente, 2005, pp. 1-20.

——. "Garcia de Orta e os *Colóquios dos Simples*: Observações de um viajante sedentário", *in* Gabriela Fragoso e Anabela Mendes (coord.), *Garcia de Orta e Alexander van Humboldt: errâncias, investigações e diálogo entre culturas*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008, pp. 135-145.

Matthee, Rudi. *The Pursuit of Pleasure: Drugs and Stimulants in Iranian History, 1500-1900*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

Matthee, Rudolph P. *The Politics of Trade in Safavid Iran: Silk for Silver, 1600-1730*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

Monteiro, Armando da Silva Saturnino. *Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa*, vol. 4. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1993-1994.

Morga, Antonio de. *Sucesos de las Islas Filipinas*. Ed. W. E. Retana e Patricio Hidalgo Nucehra. Madrid: Ediciones Polifemo, 1997.

Newman, Andrew J. *Safavid Iran: Rebirth of a Persian Empire*. Londres: I. B. Tauris, 2006.

O'Brien, Patrick (ed.). *Urban Achievement in Early Modern Europe: Golden Ages in Antwerp, Amsterdam and London*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

Orta, Garcia de. *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. Ed. Conde de Ficalho. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

Pearson, M. N. "Hindu Medical Practice in Sixteenth-Century Western India: Evidence from Portuguese Sources". *Portuguese Studies* (Londres), vol. 17, 2001, pp. 100-113.

Pelúcia, Alexandra. "A história de Ormuz segundo Pedro Teixeira. Uma perspectiva crítica", *in* Luís Filipe F. R. Thomaz (ed.), *Aquém e Além da Taprobana: Estudos Luso-Orientais à Memória de Jean Aubin e Denys Lombard*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, 2002, pp. 223-238.

Relação das Náos e Armadas da Índia com os sucessos dellas que se puderam saber. Ed. Maria Hermínia Maldonado. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1985.

Santos, Frei João dos. *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis*. Ed. Manuel Lobato e Maria do Carmo Guerreiro Vieira. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

Schurhammer, Georg. *Francisco Javier. Su vida y su tiempo*. 4 vols. Bilbao: Ediciones Mensajero, 1992.

Silveira, Francisco Rodrigues da. *Reformação da Milícia e Governo do Estado da Índia Oriental*. Ed. Luís Filipe Barreto, George D. Winius e Benjamin N. Teensma. Lisboa: Fundação Oriente, 1996.

Teixeira, Pedro, *Relaciones de Pedro Teixeira d'el origen, descendencia y svccession de los Reyes de Persia, y de Harmuz, y de vn viagem hecho por el mismo avtor dende la India Oriental hasta Italia por tierra*. Antuérpia: Hieronymo Verdussen, 1610 (reedição fac-similada: Elibron Classics, 2007).

——. *The Travels of Pedro Teixeira with his Kings of Persia and extracts from his Kings of Persia*. Ed. William F. Sinclair e Donald Ferguson. Londres: Hakluyt Society, 1902 (reedição fac-similada: Kessinger Publishing, s.d.).

——. *Relaciones de Pedro Teixeira del origen, descendencia y svccession de los Reyes de Persia, y de Harmuz, y de vn viage hecho por el mismo avtor dende India Oriental hasta Italia por tierra*. Ed. Eduardo Barajas Salas. Madrid: Miraguano Ediciones e Ediciones Polifemo, 1994.

Valence, Françoise de. *Médecins de fortune et d'infortune: Des aventuriers français en Inde au XVIIe siècle*. Paris: Maisonneuve e Larose, 2000.